XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
LUGARES DOS HISTORIADORES: VELHOS E NOVOS DESAFIOS 27 A 31 DE JULHO DE 2015 FLORIANÓPOLIS - SC

PIERRE RIVIÉRE SOMOS TODOS NÓS: UMA LEITURA FOUCAULTIANA SOBRE A PRODUÇÃO HISTÓRICA DA ANORMALIDADE E DA INFÂMIA

RODRIGO DIAZ DE VIVAR Y SOLER*

INTRODUÇÃO: O OPERADOR METODOLÓGICO DA GENEALOGIA FOUCAULTIANA

Logo no inicio de *Nietzsche, a Genealogia e a História* (1993), Foucault apresenta o método genealógico a partir de uma profundidade abismal: "A Genealogia é cinza; ela é meticulosa e pacientemente documentária. Trabalha com pergaminhos embaralhados, riscados, muitas vezes reescritos" (Foucault, 1993, p. 15). Trata-se, portanto, de contextualizar o método genealógico a partir de uma análise minuciosa de fontes documentais. Uma análise genealógica, portanto, corresponde a um questionamento histórico das práticas de poder a partir das diferentes práticas sociais. Para além de um retorno às origens na busca de uma verdade primeira, a genealogia efetiva sua possibilidade análise em um contexto político dos jogos das práticas de poder.

> A genealogia exige, portanto, a minúcia do saber, um grande número de materiais acumulados, paciência. Ela não deve construir seus monumentos ciclópicos através de grandes erros "benfazejos", mas de que nas verdades inaparentes, estabelecidas por um método severo. Em suma, uma certa obstinação na erudição. A genealogia não se opõe a história como a visão altiva e profunda do filósofo ao olhar de toupeira do cientista; ela se opõe, pelo contrário, ao desdobramento metahistórico das significações ideais e das indefinidas teleologias. Ela se opõe a pesquisa de origem. (Foucault, pp. 15-16, 1993).

A genealogia se diferencia de uma análise histórica tradicional justamente porque focaliza seu campo de análise não na decifração dos sentidos, não na busca de uma origem, mas sim na efetiva consideração de que todo acontecimento provém de relações de força, de artimanhas, de disfarces. É isso que faz da genealogia uma almágama cinzenta.

Michel Foucault utiliza dois conceitos próprios da genealogia no plano filológico que a distingue de uma pesquisa histórica tradicional. Tratam-se dos conceitos de *Herkunft e Entstehung.* A primeira diz respeito ao tronco da proveniência, já a segunda corresponde ao conceito de emergência.

* Bacharel em Psicologia pela UNESC. Mestre em Psicologia pela UFSC. Doutorando em Filosofia pela UNISINOS. Professor do Centro Universitário Municipal de São José e do Centro Universitário Estácio de Sá. E-mail: diazsoler@gmail.com

Porque tais palavras são essenciais de uma pesquisa cujo enfoque é atravessado pela genealogia? Quanto à proveniência, pode-se destacar que ela corresponde a uma minuciosa analítica das inúmeras possibilidades de aparecimento dos fenômenos sociais.

> Seguir o filão complexo da proveniência é, ao contrário, manter o que se passou na dispersão que lhe é própria: é demarcar os acidentes, os ínfimos desvios – ou ao contrário as inversões completas – o erro, as falhas na apreciação, os maus cálculos que deram nascimento ao que existe e tem valor para nós: é descobrir que na raiz daquilo que nós conhecemos e daquilo que nós somos – não existem a verdade e o ser, mas a exterioridade do acidente. Eis porque, sem dúvida, toda origem da moral, a partir do momento em que ela não é venerável – e a *Herkunft* nunca é – é crítica (Foucault, 1993, p. 21).

Para Foucault, a proveniência como categoria de análise genealógica, se situa sob o olhar da dispersão mantendo o foco nos acidentes, nos desvios, nos erros e enganos dos acontecimentos. A proveniência permite entender que não existe absolutamente uma verdade inerente ao sujeito, mas sim as possibilidades de acontecimento imbricadas na sua exterioridade. A genealogia corresponde a uma análise da proveniência na medida em que parte na captura das inúmeras possibilidades decorrentes de movimentos históricos através das proliferações e dos esquecimentos. Uma análise da proveniência da psicologia, por exemplo, não significa tomar tal ciência como um processo teleológico cuja matriz origina-se com os gregos e atinge o seu *status* científico apenas no século XIX, mas sim a partir de uma minuciosa analítica referente a diversos processos disciplinares de vigilância e de segregação dos indivíduos próprios do mundo moderno.

> Em *Vigiar e Punir,* onde, entre tantos outros projetos, se pode encontrar uma genealogia das práticas psicológicas, Foucault desloca o ponto de surgimento da Psicologia, dos laboratórios de Wundt e James na passagem do século XX para os espaços de exclusão prisional que proliferam nas sociedades Ocidentais durante todo o século XIX, em que os sujeitos se encontram expostos a uma condição de visibilidade total, o que possibilita a observação exaustiva de suas condutas. (Prado Filho, 2005, p, 77).

Quanto à emergência, ela diria respeito a todo um conjunto de ações cujos efeitos passam pela substituição, pelo deslocamento e pela inversão dos acontecimentos fazendo da história um grande jogo

de forças cujos vencedores é que determinam as regras e criam valores e verdades. *Herkunft* corresponde a um ponto de aparecimento. Não obstante, a emergência não diz respeito ao ponto final de solidificação de um acontecimento, mas sim o jogo causal das dominações e das apropriações. Ou seja, emergência possui um sentido de jogo de força. Uma analítica recoberta por uma proposta de emergência deve procurar enfatizar os jogos pelos quais as forças se enfrentam, o combate travado em situações adversas. Emergência, então em Foucault corresponde à entrada em cena abrupta do resultado das relações de força. Emergência, também pode ser entendida como cenário do conflito, entretanto, tomar tal conceito como cenário, não significa atrela-lo a um espaço fechado, no qual se desdobraria à trama, nem tão pouco, nem tão pouco considera-lo como um domínio único, fechado, hermético. Dizer que a emergência é um cenário corresponde a tomá-la com um lugar de confrontação produzida por brechas e fendas. O cenário de uma emergência é o não-lugar, é um teatro sem lugar. A emergência é, portanto, a entrada em cena das forças; é sua irrupção, e salto pelo qual elas passam dos bastidores ao palco, cada um com o vigor e jovialidade que lhe é própria (Foucault, 1993, p. 24).

Ainda sobre a questão da emergência, Foucault expõe que esta se efetiva dentro de um conjunto de ações cujos efeitos passam pela substituição, pelo deslocamento e inversões sistemáticas. Tem-se em Nietzsche um exemplo de emergência histórica quando os conceitos de "bom" e "ruim", próprios de uma moral aristocrática, passaram a ser tresvaloradas com base nos juízos de "bom" e "mau" próprios de uma moral gregária.

> Foram os judeus que, com apavorante coerência, ousaram inverter a equação de valores aristocráticos (bom=nobre=poderoso=belo=feliz=caro aos deuses), e com unhas e dentes (os dentes do ódio mais fundo, o ódio impotente) se apegaram a esta inversão, a saber, "os miseráveis somente são os bons, apenas os pobres, impotentes, baixos são os bons, os sofredores, necessitados, feios, doentes são os únicos são beatos, os únicos abençoados, unicamente para eles há bem – aventurança – mas vocês, nobres e poderosos, vocês serão por toda a eternidade os maus, os cruéis, os loucos, os insaciáveis, os ímpios, serão também eternamente os desventurados, malditos e danados..." (Nietzsche, 1998, p, 268)

Foucault correlaciona os conceitos de proveniência e de emergência para contrapor a genealogia às análises históricas tradicionais justamente porque o método genealógico não se apoia em nenhum universalismo. Sendo assim, uma analítica genealógica não corresponde à busca de uma origem, mas sim à problematização de conjunturas políticas e práticas de poder oriundas de relações de força, de modos de valoração e processos de fabricação de verdades.

POR QUE PIERRE RIVIÉRE SOMOS TODOS NÓS?

Um exemplo belíssimo e condizente com a genealogia é o texto *A vida dos homens infames*. Este texto de 1977 produz no seu conjunto argumentativo, uma estranheza singular, pois conforme lembra Foucault(2003), ele não é composto por antecedentes biográficos, mas por *antologias da existência*. São fragmentos discursivos reunidos em poucas linhas graças à inquirição de um determinado aparato repressivo. Um laudo psiquiátrico ou uma condenação judiciária, por exemplo. Enfim, são depoimentos que relatam a vida miserável de indivíduos que só podem encontrar justificativa para a sua existência nesses documentos atravessados pela onipresença do poder responsável pela produção das mais variadas verdades. Que a infâmia tenha sido objeto de outros estudos, isto é indiscutível.

Encontramos muitos exemplos da sua presença principalmente nos textos literários. Sade, Bataille, Flaubert, só para ilustrar alguns nomes, escreveram sobre personagens absolutamente subversivos aos moldes e padrões morais de suas épocas. Entretanto, não é essa infâmia literária que interessa a Foucault (2003). Neste sentido, o objetivo não é segundo Deleuze (2005), de explorar analiticamente os personagens que, por conta dos seus próprios excessos, alcançaram a notoriedade, mas pelo contrário, trata-se de estudar a infâmia produzida na transversalidade de discursos e práticas.[7] Ou seja, a questão posta seria a de recolher os relatos que formam um poema do cotidiano muito mais emblemático do que qualquer romance. As poucas frases que sentenciam violentamente todo e qualquer vida desprezível e que torna-se visível no momento em que choca-se contra a luz do poder.

Para construir a composição da vida dos homens infames, Foucault (2003), levou em conta algumas regras. Em primeiro lugar, esses sujeitos deveriam ter realmente existido. Em segundo lugar, essas existências deveriam ser obscuras e desventuradas. Em terceiro lugar, os relatos sobre essas existências deveriam ser os mais breves possíveis. Em quarto lugar, esses depoimentos e instruções não deveriam confundir-se com histórias estranhas, pois as denuncias e argumentações deveriam possuir relações com a própria existência desses sujeitos. Finalmente, que do choque entre esses discursos e essas existências emergisse um efeito de duplicidade entre a beleza e o terror. Conforme essas regras sugerem, são as existências reais as únicas responsáveis por esse tipo de infâmia. Ou seja, em todas as sentenças analisadas o objetivo foi o de capturar os nomes de indivíduos que viveram e estão mortos, porém não

alcançaram em vida qualquer tipo de glória ou de valor. Essa regra afasta qualquer possibilidade de encontrar nos documentos atos de heroísmo provenientes de uma imaginação literária. O ato de exumação arqueológica deve rastrear somente as vozes que foram silenciadas pelo poder. Da mesma maneira, os textos devem ter sempre uma relação direta com a realidade, permitindo assim a captura do que Foucault (2003) chama de *dramaturgia do real*. Nas breves palavras, mais do que sentenças; tramas compostas pelo silenciamento refletida em um gesto ritualístico do poder que torna evidente a demonstração da ordem social contra qualquer tipo de indesejado. A infâmia para Foucault (2003) está relacionada à obscuridade. Não existe espaço para qualquer ato de bravura. Ela está associada, portanto, a existência que passa sem deixar rastros. Nomes e atitudes que de tão numerosas, perdem-se nos labirintos da vida, sendo-lhes possível deflagrar uma análise somente por conta de um aspecto: *um raio de luz* que confere um sentido caótico em torno desses sujeitos. Como se por um breve instante, toda essa obscuridade emergisse causando uma fascinação singular. O *raio de luz* é responsável por produzir um efeito que arranca das trevas essas vozes que deveriam permanecer silenciadas, pois no instante em que se choca com o poder cria uma dobra responsável por permitir com que visualize-se a infâmia.

Neste sentido, podemos afirmar que é o jogo do poder presente nas práticas sociais, o fator responsável pela criação desses atos observáveis pela analítica de um trabalho *arqueogenealógico*. É justamente essa característica que permite a Foucault (2003) problematizar a loucura, o corpo e a sexualidade a partir de uma perspectiva que aproxima a proveniência de todos esses acontecimentos como um conjunto de práticas e saberes responsáveis por produzir verdades, tomando o indivíduo como a resultante tanto de uma objetivação pelo poder e pelas práticas discursivas, quanto por um processo de subjetivação relativo à experiência ética O que está em jogo nessa leitura seria a construção de uma cartografia das breves antologias que são capturadas e praticamente aniquiladas pelo poder. Estes rastros estão praticamente esquecidos, exceto pelo fato de que foi o poder que permitiu transparecer esse emaranhado de palavras aparentemente sem sentido. Por conta desse aspecto, podemos compreender que a tarefa de reunir em um texto essas múltiplas vozes, implica construir uma história do silenciamento através das suas rupturas e continuidades em relação às manifestações das estratégias de poder. Primeiro, o cristianismo como prática social responsável por averiguar o dia-a-dia da *ovelha* nos seus mais íntimos detalhes. Por meio da confissão, o sujeito do cristianismo deveria sempre falar de si mesmo não omitindo nenhuma informação. Mesmo as intenções e desejos deveriam fazer-se presentes no seu discurso. Depois na modernidade a partir do Século XVIII, o agenciamento administrativo responsável por fazer

operar, sob a forma de inquéritos, relatórios e exames, diversas investigações cujo objetivo é fazer a parecer à verdade. É precisamente nesse momento que a confissão deixa de ser uma prática de mortificação e aperfeiçoamento da alma, para tornar-se um instrumento de punição.

Qual a mudança mais significativa entre esse processo inquisitório/cristão e o agenciamento administrativo? O que outrora estava associado a uma única causa: o mal agora faz parte de uma intensa rede de discursos, legitimados por inúmeras vozes todas elas articulando saberes e produzindo novos significados para as atrocidades cometidas.

O direito, a psiquiatria, a psicologia, o serviço social, enfim, todas as áreas do saber minuciosamente articuladas por meio de seus métodos de revelação da verdade. Essa infâmia da vida real retratada por Foucault aponta para uma estratégia da sujeição do sujeito perante o poder. Porém, é preciso que se questione: existe um limite que permita a transposição dessa malha? Por que sempre a escolha pelo poder? O trabalho de Foucault ensina-nos que um dos traços fundamentais da sociedade na qual vivemos é a relação imediata que estabelecemos com o poder. Estamos sempre agindo contra a sua dinâmica, pois o poder é o lado intenso da vida na medida em que produz efeitos dos quais podemos ou não resistir. Sendo assim, a infâmia pode ser considerada como uma estratégia de enfrentamento perante os dispositivos fazendo com que a partir da construção dessas breves histórias insurjam-se novos questionamentos e enfrentamentos políticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propusemo-nos neste trabalho a elaborar algumas reflexões em torno da produção histórica das noções de normalidade e de criminalidade tendo como base o pensamento de Michel Foucault. Revisitando alguns textos do intelectual francês é que podemos encontrar as condições de possibilidades elaboradas pela genealogia foucaultiana como instrumento de análise sobre a produção das noções de normalidade e de criminalidade presentes na emergência da sociedade moderna pensada pela perspectiva da infâmia. Em outras palavras, Foucault retrata com precisão nesse conjunto de escritos, as modalidades de discursos como aqueles produzidos pela psiquiatria, pela medicina e pelo direito, bem como os jogos de objetivação inerentes as relações de poder que foram responsáveis pela elaboração de tais categorias. Tarefa, que equivale à construção de um mosaico que circula sobre a história compreendida a luz do pensamento nietzschiano no que se refere as relações de força presentes numa espécie de jogo delirante em que cada peça desdobrasse numa alegoria da infâmia. Em outras palavras, se

Foucault recorre à figura do anormal e do criminoso no interior de formação da nossa sociedade moderna, é para compor em consonância com estes personagens os indicativos de uma problematização em torno do estatuto da verdade, da epistemologia e das forças políticas que compõem o emaranhado dos dispositivos. No entanto, poder-se-ia reconhecer nesse gesto polêmico de Foucault uma leitura crítica da realidade com a finalidade de construir uma ontologia histórica de nós mesmos. Neste sentido, podemos afirmar que é o jogo do poder presente nas práticas sociais, o fator responsável pela criação desses atos observáveis pela analítica de um trabalho arqueogenealógico. É justamente essa característica que permite a Foucault problematizar a loucura, o corpo e a sexualidade a partir de uma perspectiva que aproxima a proveniência de todos esses acontecimentos como um conjunto de práticas e saberes responsáveis por produzir verdades, tomando o indivíduo como a resultante tanto de uma objetivação pelo poder e pelas práticas discursivas, quanto por um processo de subjetivação relativo à experiência ética, de nosso *Outro*, de nosso contemporâneo Pierre Riviére.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. Foucault . Tradução de Claudia Sant'Anna Martins, Brasiliense, São Paulo,
2005.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a Genealogia e a História. (In) FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

_____. A Vida dos Homens Infames. Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro, In: **Foucault, Michel. Ditos e Escritos IV**: estratégia poder-saber, Forense Universitária, Rio de Janeiro, 2003.

Nietzsche, Friedrich. **A Genealogia da Moral.** São Paulo: Companhia das letras, 1998.

PRADO FILHO**,** Kleber. Para uma arqueologia da psicologia (ou: para pensar uma psicologia em outras bases) In: GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima, HÜNING, Simone (Orgs.). **Foucault e a Psicologia**. Porto Alegre: Abrapso Sul, 2005.VEYNE, Paul. O Indivíduo atingido no coração pelo poder público. (In) VEYNE, Paul *et all*. **Indivíduo e Poder.** Col. Perspectivas do Homem. Lisboa.